

Poética de um *Guajupia* Em *Terra Fogada*

Leonardo Lima Ribeiro¹

Lacrimosa Insensatez

Ao que parece,
Para heteronomia poética,
As lágrimas são latências,
Que em potência,
Suas substâncias contemplam.

Lágrima,
Uma vez absorta num indecifrável afeto,
Bem como por ele desnudada,
Intui futuro apanágio,
E irrompendo sem químico racionalismo,
Despede-se e desponta de tímida empáfia.

À espera,
Em tempo espera a lágrima,
Abandonar velados egos,
E quando pelos clamores no peito,
É por fim desposada,
Já nas veredas da pele,
Presente descabida jornada.

E jazem então misteriosas questões:
Estuprad'olhos, Abismos d'Alma,
Por que admitem ao fim lacrimosa erupção?
Seria para do vivo rosto as sobras varrer,
Desbotando as passadas carnes de sua história?
Por que, lágrima, com salubridade apaga marcas?

¹ Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA)

Eis *lágrima dissimulada*,
Que se encaminhando às humanas nostalgias impressas em face,
Tal qual insensível vida ao memória *cri'aniquilar*,
Provisoriamente ou se traveste de tormentos,
Ou se recobre de felicidade,
D'onde na *aparência* observa as metades.

Contudo e à sua maneira,
Já espraçada na inteira rostidade,
E com afetivas vestimentas aos fiapos,
Declama ao fundo,
Cochichando estúpida ao corpo,
Se alivio é porque Mato.

Poesias sem Estômago, Estômagos sem Poesia: Males da Nação

Ao longo d'elástica existência,
Amiúde me pergunto:
Por que a poesia,
Bem cultural,
Jamais soluciona as angústias do estômago,
Por mais que delas trate?

Fome,
No estômago que a contempla,
Deveras,
Poesia não assenta.
Ao enunciar as ânsias do estômago,
Para fome estilizar,
Fome não resolve,
A *cultura* da fome.

A poética é réplica D' human'alma.
E por vezes sendo migalha,
Sua doença denota,
E regurgitando apetite-cultura,
Não alimenta nação.
Singularidade d'esfolado **espírito** em cidade,
Poesia não preenche bucho,
Pois o bucho não a pressente,
Mesmo que o bucho,
Como esfolado estômago,
Se ponha a vociferar,
Sem acalento.

Cultura da fome,
Ao ser agraciada,
Às custas d'humana pobreza,
Conserva pobreza.
Poesia,
Comida *não* o é,
Água *não* o é,
Empáfia d'alma o *É*,
Ego *É*.
Ao denunciar males da fome,
Ego *É* mantém mundana fome.
Veículo d'arte,
Produz cultura do descaso,
Que ao tratar do descaso,
Torna-se descaso.

Violência peculiar,
Que dando às costas ao faminto povo,
Publica-se para premiar-se.

Sendo demagógica,
Tal Poesia é sem Estômago,
E os estômagos são sem poesia.
Como alimento d'alma,
Poesia à barriga se denega,
Bem como esfomeada,
Barriga das massas,
Bandida o é,
Pois sobre a pura poesia não se debruça,
E mal dizendo-a,
Nela cospe.

Eis o triste conflito,
Uma luta de classes,
Em que Homens do corpo,
Estupram população d'Alma,
E Homens d'Alma,
Dissimulam a população-corpo,
Que em fome,
Reiterada pela cultura que dela trata,
É descartada.